

Uma vez, levei Clarice Lispector para ser entrevistada na TV por Celia Ribeiro. Clarice simplesmente não respondia às perguntas, o que, diante da câmera, era um problemão. Mas a escritora era assim mesmo, reservada, enigmática

Lembrando Clarice



Numa época de sua vida, meu primo Carlos Scliar, grande artista plástico, trabalhou no Rio como editor de arte da extraordinária revista *Senhor*, fundada por Nahum Sirotsky. Cada vez que vinha a Porto Alegre, eu o visitava e numa dessas ocasiões ele disse que tinha uma surpresa para mim. Abriu um exemplar da publicação e leu-me um conto.

Foi mais que uma surpresa. Eu era um adolescente então, mas até hoje lembro o impacto que me causou aquele texto. Como é que alguém pode escrever tão bem, eu me perguntava, assombrado, sobretudo porque naquela época eu tentava tornar-me contista e já experimentava as dificuldades dessa tarefa.

O conto era *Uma galinha*, a escritora, Clarice Lispector, que agora está sendo evocada numa bela exposição do Instituto Moreira Salles, no Shopping Bourbon Country (não percam). Mais tarde vim a conhecê-la pessoalmente e, numa ocasião em que veio a Porto Alegre, servi-lhe de cicerone e levei-a à tevê para ser entrevistada pela Celia Ribeiro. Foi, entre parênteses, uma entrevista muito difícil. Clarice simplesmente não respondia às perguntas, o que, diante da câmera, era um problemão. Mas a escritora era assim mesmo, reservada, enigmática.



Clarice, como mostram as fotos da exposição, era uma mulher belíssima. Um tipo especial de beleza que às vezes caracterizava as judias russas (Sara Scliar, por exemplo). E era uma pessoa atormentada por vários tipos de conflito pessoal, conflitos estes que, graças a seu talento, ela transformava em grande literatura. Na exposição, a gente também pode ver como ela trabalhava seus originais, alguns deles escritos à mão, em letra torturada.

Mas, por incrível que pareça, seu talento não foi de imediato reconhecido. Ela não preenchia os critérios literários estabelecidos pela intelectualidade que era, nos anos cinqüenta e sessenta, sobretudo de esquerda. Não se tratava de uma escritora engajada em causas sociais; pelo contrário, fazia uma literatura intimista, à qual se aplicava com facilidade o adjetivo "alienada". Aos poucos, contudo, esse preconceito foi sendo vencido e seu público se ampliou, ainda que nunca ao nível do best-seller. Os contos eram magistrais, e seu último romance, *A hora da estrela*, é hoje um clássico. O talento de Clarice é reconhecido internacionalmente, e a exposição constitui-se assim numa oportuna homenagem.



Mulher sofrida, enfrentando problemas de saúde, Clarice morreu cedo. Mas sua ficção aí está, a nos dar constantes lições de vida, a nos emocionar. Eu a releio sempre, e sempre com o deslumbramento do jovem que se perguntava, perplexo e encantado: como é que alguém pode escrever tão bem?



Luiz César Cozzatti, que faleceu prematuramente na semana passada, era um excelente crítico de cinema e um médico devotado à sua especialidade. Mais do que isso, era, como sabem todos o que o conheceram, um notável e generoso ser humano, alguém que agora faz parte da história cultural de nossa cidade.